

TROPA DE ELITE REACENDEU O DEBATE SOBRE FINANCIAMENTO DO TRÁFICO. ESPECIALISTAS

FOGO

RENATA MARIZ
DA EQUIPE DO CORREIO

Tudo menos a indiferença. Assim é a reação do público após assistir ao filme *Tropa de elite*. Cenas de crueldade, corrupção e miséria são pontuadas pela narração em tom professoral do capitão Nascimento, um perturbado policial interpretado por Wagner Moura, empurram o espectador para o debate. Agora, após uma semana de lançamento em Brasília, a fita de José Padilha, lança por 10 milhões de pessoas no país, as discussões suscitadas pelo filme são alçadas às rodas de intelectuais da área, que estudam a segurança pública e o fenômeno da violência no Brasil.

Eles, assim como o sujeito comum que pro-

tagoniza debates em mesas de bar, se dividem em relação aos temas espinhosos abordados na trama. A lógica corrupta de funcionamento da Polícia Militar do Rio de Janeiro retratada na obra é apenas um aperitivo insofrito diante de outras questões lançadas. Os assuntos mais controversos, na avaliação de especialistas da área, são as estratégias de combate ao crime em favelas, o papel do terceiro setor nessas regiões, a representação dos usuários de drogas, sobretudo os abastados, como financiadores do tráfico, e a filosofia dos treinamentos policiais.

Muito para o espectador leigo, pouco para

quem estuda o assunto. "O filme se recusa a colocar em seu discurso a legalização das drogas, talvez a decisão mais séria que a sociedade internacional terá que fazer neste século", reclama Antonio Flávio Testa, sociólogo da Universidade de Brasília. Para Alan Brum, cientista social e coordenador de uma organização não-governamental no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio, a fita tem o mérito de abrir canais de debates, apesar de reforçar estereótipos.

Autor do livro *Elite da tropa*, que inspirou a obra cinematográfica, o sociólogo e ex-secretário nacional de Segurança Pública Luiz

Eduardo Soares, tem previsões pessimistas em relação à violência no país. E chama a atenção para uma crescente simpatia de parte da sociedade brasileira pelo que ele denomina valores de selvageria. "O filme demonstra claramente que existem policiais que torturam e matam, mas há quem aplauda esse tipo de método", critica Soares. "São princípios antidemocráticos aflorados nas pessoas."

O *Correio* ouviu especialistas das áreas de segurança, violência e direitos humanos. A seguir, eles comentam pontos cruciais do combate à criminalidade no país a partir de frases tiradas do filme e também de idéias levantadas na obra.

VIOLÊNCIA E TORTURA

*Homens de preto
Qual é sua missão?
Entrar na favela
E deixar corpo no chão*

(Música cantada durante o curso do Bope)

De arma na mão e celebrando a morte em versos como o descrito acima, os policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar do Rio de Janeiro são treinados para a "guerra", como repete o capitão Nascimento durante o filme. "O problema é que as comunidades se transformam na população civil do exército inimigo durante as incursões policiais no morro", critica Raquel Willadino, da organização não-governamental Observatório de Favelas.

A escalada de mortes no Rio pela ação da polícia, que nos registros oficiais vão para a rubrica "auto de resistência" — ou "em situação de confronto", num termo mais popular —, mostra a barbárie de um cenário de guerra onde não se sabe ao certo quem é o inimigo nem onde ele está. Só no primeiro semestre deste ano, houve 694 óbitos registradas em autos de resistência (no final de setembro, essa lista havia subido para 870 nomes). O número é 300% maior do que os 172 casos registrados no mesmo período de 2000.

Levantamento do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec), da Universidade Cândido Mendes, aponta que as mortes em confronto com a polícia representaram, no ano de 2006, 14% do total de óbitos no estado do Rio. "O padrão mundial é que esse índice não ultrapasse 3%. Só no primeiro semestre de 2007 estamos em 18%", analisa Sílvia Ramos, cientista social e uma das coordenadoras do Cesec.

A truculência policial, tão evidenciada no filme com cabeças sufocadas em sacos plásticos, tem vários fatores, segundo especialistas na área. Para Luiz Eduardo Soares, co-autor do livro que originou a fita, a crítica da sociedade deve se voltar contra as instituições, e não contra os indivíduos. "Se por um lado os capitães Nascimento são

algozes, por outro são vítimas de um processo de deterioração das políticas de formação na área da segurança", diz o sociólogo.

"Estamos falando de garotos com seus 19 anos, que vêm da mesma camada dos seus futuros alvos, que passam por uma espécie de lavagem cerebral e são treinados, como eles mesmos dizem, para serem cães de guerra", ressalta Soares. O sociólogo alerta para a crescente valorização desse tipo de filosofia dentro das polícias. "Veja como estão formando gente assim em grande escala." O próprio Bope do Rio é um exemplo. Nos últimos anos, passou da média histórica de 150 homens para 400.

Para os militantes de direitos humanos que atuam em favelas, instituições policiais tentam cada vez mais criminalizar a pobreza. "Há um território no Rio de Janeiro demarcado e olhado como um espaço que deve ser eliminado", diz Alan Brum, coordenador da organização não-governamental Raízes em Movimento, que funciona no Complexo do Alemão.

Nascido e criado na comunidade, Brum prefere omissão à brutalidade. "Se a polícia

não tem capacidade e inteligência para entrar sem colocar em risco a vida daqueles que mais precisam de segurança, é melhor que não faça nada", diz o cientista social. Só no conjunto de 13 favelas onde ele atua foram mortas, num único dia, 17 de junho passado, 19 pessoas, durante uma operação da polícia. Três eram adolescentes.

Renato De Vito, coordenador de Segurança Pública do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim), não chega a fazer coro com Brum. Ele destaca a necessidade e a complexidade de combater o crime, mas também defende a legalidade. "O Estado não tem mandado para usar a força como forma de interrogatório ou tirar a vida de ninguém, por mais que haja conturbação social", diz.

O sociólogo Antonio Testa, da UnB, não vê um caminho fácil para acabar com a violência policial. "À medida que o crime se sofisticou, se arma pesadamente, a polícia fica mais cruel. A violência não é desejável, mas está se tornando inevitável. E o morador é a maior vítima", lamenta o especialista em segurança.

PODER PARALELO

"Quem que tu acha que garante a paz aqui? É o comando!"

Baiano, o traficante, com dedo em riste para os integrantes de uma ONG

Não se fazem mais malandros gente fina como Flávio Negão, retratado no livro *Cidade Partida*, de Zuenir Ventura, sobre a comunidade de Vigário Geral, ou os carismáticos Benés, de *Cidade de Deus*. A história romântica do traficante que cresceu no morro, teve uma vida difícil e distribuiu remédio aos moradores é cada vez mais rara. Os líderes do crime, atualmente, são pessoas de fora da favela, que comandam de dentro das cadeias e são substituídos em alta velocidade. Geralmente cruéis e despóticos, deixam sem escolha a população da favela, que também não encontra amparo na polícia, igualmente bruta.

"A comunidade ficou mesmo encurralada. É difícil escolher qual é o pior. Mas as regras, não há dúvida, são ditadas por quem domina, e quem domina são os

criminosos", diz a cientista social Sílvia Ramos. O coordenador do IBCCrim, Renato De Vito, destaca o peso do processo de ocupação desordenada das cidades nessa questão. "Dificultou a presença de serviços básicos, dando ao tráfico a chance de preencher as lacunas", diz De Vito. "É a ausência continuada do Estado que faz a organização criminosa se tornar a referência comunitária."

A vítima maior desse controle territorial, segundo o especialista, é o jovem, que "se deixa encantar" pelo mundo do tráfico. Hoje, o grupo que mais morre vítima de homicídios no país é o homem de 15 a 24 anos. De 1994 a 2004, o número de assassinatos nessa faixa etária subiu 64,2%, conforme estudo da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).

Nem a entrada da polícia em áreas do Rio até recentemente invioláveis, ressalta o sociólogo Antonio Flávio Testa, é capaz de alterar o poder das quadrilhas. "O Estado entra e sai, não permanece. No dia seguinte, tudo continua igual. Não tem educação, lazer, esporte para a comunidade", critica o especialista em segurança.

